

Eleição de diretor amplia

Apenas um incidente, na Ceilândia: diretora de escola

DF - Educação

CORREIO BRAZILIENSE Brasília, domingo, 7 de dezembro de 1986

debate sobre ensino

chama polícia para garantir ordem

As eleições para diretor de Complexo e Escolas da Fundação Educacional, marcada este ano pelo alheamento de parte da comunidade escolar, atingiram nas cidades-satélites, ontem pela manhã, o clima de grandes disputas. Na Escola Classe 2, na Ceilândia, onde uma das candidatas teve seu nome impugnado, até a polícia foi chamada a intervir. A coordenação do processo justificou que a presença dos policiais era necessária para manter a ordem e a garantia de voto dos eleitores.

Se o processo não chegou a provocar uma corrida às urnas, pelo menos serviu para acirrar as discussões em torno da escolha das direções e ampliar os debates sobre os problemas da rede oficial de ensino. Em Taguatinga e Guará, onde as escolas tiveram dois candidatos por unidade, a votação transcorreu sem incidentes. As urnas foram fechadas às 17 horas e meia hora depois a Comissão Central autorizou o início das apurações, feitas nas próprias escolas.

DEMOCRACIA

A palavra democracia foi a mais utilizada pelos candidatos quando se referiam ao pleito e às suas propostas. Na disputa pela direção do Complexo A, da Ceilândia, onde o professor Erasto Fortes Mendonça foi afastado por discordar do Projeto Irmãozinho (que distribuía alimentos a irmãos de alunos), os eleitores puderam escolher entre as posições "centristas" da professora Marisa Guimarães de Moraes e as chamadas "posições progressistas" do professor Orlando Oliveira Alencar, que no início do ano deixou a direção do Centro Educacional nº 3 em solidariedade ao diretor do Complexo.

Marisa Guimarães considera a sua candidatura necessária para equilibrar as forças que se ensaiam dentro do Complexo A, que é formado por 23 escolas e dois convênios, quase 2 mil eleitores. Garante que a escola está "dispersa" e prejudicada e o ensino fraco e desestruturado. "A queda do professor Erasto e suas consequências interferiram na atuação dos professores

no Complexo A. Eles estão divididos e apáticos", salientou. Sua proposta era a de resgatar o aluno do "terceiro plano" a que foi deixado ao longo dos últimos anos.

Mas, no mesmo complexo, "o voto consciente" seria dado ao professor Orlando que, nos cartazes e santinhos colocados em carros à frente do Centro Educacional 8, era o "comprometido com a educação e suas transformações". Um de seus fiscais de urna, o também professor Aldenor Gonçalves de Farias, do Centro Educacional 3, lembrou que Orlando tem 11 anos de Fundação Educacional e foi eleito pelo voto direto para dirigir o Centro 3.

— Ele saiu em solidariedade ao professor Erasto, porque também não concordou com a forma de aplicação do Projeto Irmãozinho. Estavam claros os fins eleitoreiros do programa e não podíamos deixar de questionar alguns pontos — afirmou Aldenor Gonçalves. Se o projeto era tão bom e existia há muito mais tempo, por que só estava sendo colocado em prática naquele momento? Esta foi a grande pergunta dos professores que apoiavam Erasto, na época da implantação do Irmãozinho.

POLICIA

A professora Raquel Marques da Luz Pacheco, que teve seu nome impugnado para disputar a direção da Escola Classe nº 2, Ceilândia Sul, não desanimou e permaneceu durante todo o dia, acompanhada por um grupo de professoras, à porta da escola, conversando com os pais de alunos, alunos e professores que chegavam para votar. Quando chegou, a professora Myriam Machado Furtado, que coordena as eleições, viu Raquel falando com uma mãe de aluno. Preocupada em "manter a ordem e a garantia de voto", pediu que a Polícia Militar comparesse ao local.

Raquel Marques explicou que não estava impedindo ninguém de votar, apenas "esclarecendo que a candidata Vilma Arantes Martins não representava os anseios da comunidade escolar. Ela está voltando para a escola

para se vingar do grupo que conseguiu através de um abaixo-assinado tirá-la daqui". Enquanto Raquel e seu grupo atribuíam a impugnação de seu nome à má fé do complexo Escolar e da Fundação Educacional, outros professores, que apoiaram a candidata Vilma Arantes, sustentavam que a futura diretora (em consequência da impugnação) só não fez um melhor trabalho na escola porque esteve todo o tempo sob pressão do grupo "que chegou na escola para tumultuar".

Os Centros Educacionais 2 e 9 da Ceilândia realizaram suas eleições sem incidentes, bem como a Escola Classe 41, do Setor P Sul. Em Taguatinga a única escola a participar do processo foi a Escola Classe 1, cuja direção foi disputada pelos professores Yoshio Arakawa e Maria do Socorro Toledo Guimarães. No Guará, a Escola Classe 2 na QE 2, experimentou um dia de muita calma, apesar de ter tido pela manhã a presença dos alunos do turno vespertino.

As duas candidatas à direção da Escola Classe 2 no Guará, Maria Vanderlita Cardoso Andrade e Leônia Maria Inácio, eram vistas juntas pelos corretores da escola, discutindo o trabalho das irmãs Resende — Diná, que se aposentou, e Vanda, que assumiu a direção da escola em junho passado, interinamente. Elas estavam, porém, muito mais preocupadas com os problemas do setor de educação em todo o Distrito Federal do que apenas com o que tinham a desenvolver na escola.

Segundo Leônia, a forma abrupta com que estão sendo implantadas as mudanças pedagógicas, como a criação do ciclo básico, pode provocar a desestruturação de todo o sistema. As mudanças devem acontecer, mas de forma gradativa e à medida em que houver a preparação de profissionais e adaptação de toda a estrutura, defendeu. Maria Vanderlita, desde 1974 como professora regente da escola, quer trabalhar de forma integrada com a comunidade e, se eleita, vai lutar junto à maioria dos alunos de supletivo da escola, os quais estão inconformados com o fim do curso, anunciado recentemente.